

ERSTICA



FRUTA BRUTA

## **EDITORES**

DANIELLA CHAVES  
DANILO CHAVES  
WIGVAN PEREIRA

## **CAPA**

DANIELLA CHAVES

## **PROJETO GRÁFICO**

WIGVAN PEREIRA



# CONVIDADOS

10 músicas para entrar no clima - Denis Fontenele

Alvura família - Denize Torbes

Ameixas - LuizaLuiza

Amor Líquido - escutchador

Aprender o corpo - Wigvan

Carlos Reichenbach: um erotismo elegante que emerge da Boca do Lixo - Igor Nolasco

Como - Ian Giacomozzi

Desacoplamentos senso-eróticos - Caio Naressi

Desencantados - Saulo Peixoto

Desiderium - Jorge Abreu

Diversão em versão - Carlos Dantas

Erótica Exótica - Rose Aguiar

Estagnação V (estandarte) - o Santo inimigo do Mal

Expectation - Grey8wolf

Grande piano - Guerra

High Nu - Guilherme Albuquerque

Homenagem - Caxtorr

Ímpeto frenesi - Jeferson Ilha

Isto não é EVA! - Luciene Lacerda

La petite mort - Marília Teddy

Livros, jogos e álcool - Lew Maggie

Love not found. - Corvus

Mãos - Ian Anderson Gomes Dias

Mapa - Alexandre Liberato



# CONVIDADOS

Metonímia, ou A moça e os tubérculos - Lana Rossa  
Nossa dança - Michele Cavalcante  
Nota sobre o perfume - Gustavo Faquineti Paz  
O jovem mítico - Leonardo Santos  
O silêncio da masculinidade - Yan Megarom  
Pele Sufocada - Gabriel Bicho  
Ponto de vista - Igor Martin  
Rasga - Hélio Fróes  
Scratch effects - Giga  
Sem título - Jennifer Lima  
Sem título - Helder Amorim  
Sem título (outrar-se) - Paloma Durante  
Semem - LaMarte74 Breno Galvão  
Sex Toys - Daniella Chaves  
Um casal normal - Wall Butterfly  
Verão em Salvador - Bixatropical  
10 clipes sexy - Romeu Castro



# 10 MÚSICAS PARA ENTRAR NO CLIMA

**DENIS FONTENELE**

PRA ENTRAR NO CLIMA DA REVISTA DÁ O PLAY AQUI:

Deezer: <https://deezer.page.link/Y73M3f4TY6NqwmSw5>

Spotify:

<https://open.spotify.com/playlist/07TtRdFmIF0LCOFVukh3xn?si=fd26706530f54fc3>

- 1 - Smooth Operator - Sade
- 2 - Let's Get It On - Marvin Gaye
- 3 - Like a Virgin - Madonna
- 4 - Gold - Chet Faker
- 5 - Love Is A Bitch - Two Feet
- 6 - Intro - The XX
- 7 - Cavalgada - Roberto Carlos
- 8 - Aguei - Anavitória feat. Jovem Dionisio
- 9 - I Want Your Sex Pts.- 1 & 2 - George Michael
- 10 - Physical - Olivia Newton-John



# ALVURA FAMÍLIA

**DENIZE TORBES**





# AMEIXAS

**LUIZALUIZA**

Colhi uma ameixa da geladeira  
cravei os dentes na pele  
vermelha e macia  
estava doce e fresca  
carnuda e úmida  
como os seus lábios, abertos  
prontos para me acolherem



# AMOR LÍQUIDO

## ESCUTCHADOR

eu pedi teu amor em conta-gotas  
pra ele não me escoar entre os dedos  
você me inundou de cachoeira, certa  
e tive que cair de joelhos.  
fechei os olhos e te bebi numa só dose,  
pelo canto da boca escorreu um outro gole  
fiz body shot, sem sorte  
você secou.



# APRENDER O CORPO

**WIGVAN**

É preciso aprender o corpo, eu disse, mas talvez fosse melhor não ter dito.

Me ensina o meu corpo, ele respondeu, saltitando nas sílabas, como se faltasse fôlego, como se sobrasse gozo, o gozo que era apenas pressentido na ânsia dos dezoito. Firmamos pacto, quase sem palavras e o silêncio continuaria a nos dar abrigo.

Vamos aos poucos, precisava da cautela de um antiquário ao tocar pela primeira vez a pele que se desmanchava de fogo, o fogo de nunca ter sido beijada, como a manusear um papiro do Egito Antigo: respirando o mínimo possível, suaves toques de pontas dos dedos, para não o atravessar, para não deixar vestígios, mas olhos peritos munidos com uma lente de aumento para decifrar os mapas desenhados com veias, pelos e pequenos acidentes.

Ligar os pontos entre um extremo e outro – conectar em uma única rede elétrica todas as células que se acenderiam por fim como luzes de emergência – me daria uma nova vida, a vida de um intérprete, seu primeiro intérprete, aquele a quem tributariam o feito de ter decodificado o sentido emergido da hipoderme.

Ele, então, começaria sua primeira vida, como se tivesse acabado de nascer das minhas mãos e da minha saliva, mas ainda assim com a convicção do direito de se declarar seu próprio escriba.

Recém-nascidos, os dois, portanto, mas eu, por possuir as memórias de todas as encarnações passadas, precisaria transmiti-las àquele que se encarnava pela primeira vez na terra e por isso ainda tinha o peso de um sopro. Suas artérias ainda congeladas e poeira do céu em seus cabelos, sobras de alguma estrela: ele não sabia abrir os olhos, então antes de tudo eu precisei ensinar-lhe o perfume que há nas coisas, os diferentes perfumes escondidos nas dobras, nos orifícios, nos versos e nos entres, nas esquinas e nos becos. A fome começa no cheiro.

Depois, o gosto. Eu abri a sua boca, tantas noites eu sonhei sua boca, sonhei habitar entre seus dentes naquela fração de segundo que antecede o sangue, a fixar morada em sua garganta com todos os sentimentos de todos os homens que vieram antes de mim e que morreram ali antes de se tornarem grito. Eu abri a sua boca e com os seus próprios dedos perfumados explorei todo o palato e as gengivas e como o sabor dos dedos se esvaía, passou a sugar a minha língua.

Sugava como se nela houvesse o antídoto contra a sua saudade do mundo que era do tamanho da ignorância que tinha de si mesmo.

Ele não tinha forças, emprestei as minhas, com uma mão sustentei seu pescoço, com a outra descí ao ílaco. Ele não sabia respirar, precisei inflar seus pulmões com meu hálito. Ainda que não entendesse os mecanismos de busca do ar, encostou-se em mim para imitar o ritmo do meu peito. Como um trovão que faz ressoar tudo o que há de ferro, foi assim seu estrondo quando finalmente conseguiu respirar sem ajuda de outro. Mas a luz veio antes, como de costume: seus olhos se abriram antes que o ar começasse a penetrá-lo e as cores o invadiram no mesmo ímpeto e ele não sabia o que doía mais, chorou de agonia e êxtase, chorou diante de toda a beleza que não poderia possuir jamais, retorcia os pés, tremia e era como se seus ossos se abrissem e seu coração pulsava tão rápido e eu, a quem ele havia se agarrado por instinto, estava tão perto que podia escutar cada sístole.

Vê-lo se despertar assim era como ver um planeta se formando no caos e se colidindo com outros até adquirir forma, água, satélite e o eixo certo de rotação que criaria as condições para que eu, em sua superfície, não corresse o risco de morte de frio ou de sede. Como um explorador enviado em missão de reconhecimento, comecei pelos seus pés, que ainda se retorciam: eu precisaria aprender o seu corpo antes de poder ensiná-lo, então examinei as linhas dos dedos, as unhas, as curvas, a textura, se era sal ou açúcar – para isso, levá-los aos lábios em um quase beijo. Subi até os tornozelos, joelhos e quando cheguei às nádegas, caminhei por elas com todos os meus sentidos, até com os dentes, contemplativo como um astrônomo a varrer a noite com os olhos na esperança de encontrar nova estrela. O que brilhava para mim eram gotinhas de suor que brotavam em seus poros e cada uma delas me dava um maior entendimento, como se me guiassem, como pistas deixadas para que eu não me perdesse. Não havia reparado ainda, mas quanto mais me aprofundava no conhecimento daquele corpo, menos sabia de mim mesmo. Ele se alimentava das minhas memórias, uma a uma, arrancava-as de mim pelo contato – e era assim que ele se tornava imenso e forte como um deus – e, diante dele, eu me tornava minúsculo como as cicatrizes que ele tinha no joelho, de oração ou de esporte.

Ele ria agora. Cínico. E sua risada se quebrava no espaço e dava origem a milhões de novos seres, alados e selvagens, minúsculos como eu, ou ainda menores, conseguiam entrar pelos meus ouvidos e pelos meus olhos e mastigavam cada lembrança que eu tinha, cada certeza, cada livro, todas as pessoas que eu amei, todos os corpos que um dia eu soube. E ele ria outra vez para que esses seres deixassem de existir e, com eles, eu também. Seu rosto era ainda seu rosto, mas continha todos os rostos dos homens que eu fiz sofrer por não conseguir amá-los, como se tivesse nascido com a missão de me fazer pagar por cada lágrima derramada sobre meu nome. E eu chorei, chorei por dias e noites, por não me lembrar de quem eu era antes dele, por só conseguir pensar em cada parte do seu corpo, pois era esse o único conhecimento que eu tinha, o único que eu queria ter, o único que me importava. Lembrar-me dele se tornou, também, causa de dor: não há lugar para onde eu olhe que eu não o veja, ele está em todos os espaços, o mundo inteiro é seu espelho. Se eu pudesse abrir a porta e ir para longe, talvez eu pudesse esquecê-lo. Mas não o faço porque esquecê-lo seria esquecer a única coisa que eu sei de mim: que eu o desejo mais que qualquer desejo.



# CARLOS REICHENBACH: UM EROTISMO ELEGANTE QUE EMERGE DA BOCA DO LIXO

**IGOR NOLASCO**

A noção de que o erotismo é uma temática recorrente ao cinema brasileiro permeia o lugar-comum relativo a este de forma quase universal: espectadores de todas as idades parecem concordar, lato sensu, de que a cinematografia nacional teria algo de apelativa, promíscua. A clássica máxima de que a produção do país mostraria apenas "sexo, palavrão e violência". No caso do público mais velho, talvez essa noção esteja atrelada a uma memória generalista herdada dos tempos da pornochanchada – filmes de baixo orçamento (e muito retorno) realizados majoritariamente entre o início da década de 1970 e o final da década de 1980, nos quais a narrativa era não mais do que um pretexto pouco convincente para que imagens de seminudez ou nudez parcial, para além de sequências de sexo simulado, fossem exibidas a um público ávido por elas. Nos "cinemas poeira", salas de rua com ingressos vendidos a baixos preços e frequentadas por público proletário, as pornochanchadas geravam receita o suficiente para fomentar um mercado autossustentável.

A noção de que o erotismo é uma temática recorrente ao cinema brasileiro permeia o lugar-comum relativo a este de forma quase universal: espectadores de todas as idades parecem concordar, lato sensu, de que a cinematografia nacional teria algo de apelativa, promíscua. A clássica máxima de que a produção do país mostraria apenas "sexo, palavrão e violência". No caso do público mais velho, talvez essa noção esteja atrelada a uma memória generalista herdada dos tempos da pornochanchada – filmes de baixo orçamento (e muito retorno) realizados majoritariamente entre o início da década de 1970 e o final da década de 1980, nos quais a narrativa era não mais do que um pretexto pouco convincente para que imagens de seminudez ou nudez parcial, para além de sequências de sexo simulado, fossem exibidas a um público ávido por elas. Nos "cinemas poeira", salas de rua com ingressos vendidos a baixos preços e frequentadas por público proletário, as pornochanchadas geravam receita o suficiente para fomentar um mercado autossustentável.

Carlos Reichenbach, falecido em 2012 (e cujo último longa-metragem completado, "Falsa Loura", foi lançado em 2007), foi um dos cineastas oriundos desse grupo com a carreira mais longa. Reichenbach era uma figura seminal da Boca do Lixo: oriundo da Escola de Cinema São Luis (na qual não chegou a se formar) e ex-aluno do celebrado cineasta Luis Sérgio Person (de "São Paulo, Sociedade Anônima" e "O Caso dos Irmãos Naves"), ele foi um dos eméritos da instituição a encontrar na Boca uma tela em branco na qual poderia ter as possibilidades de se aperfeiçoar enquanto

profissional e artista. E assim o fez: trabalhou incansavelmente como técnico (majoritariamente como câmera ou diretor de fotografia) em uma série de filmes de curta, média e longa-metragem produzidos na Boca do Lixo, com destaque para as instâncias em que assinou a fotografia de grandes filmes do diretor luso-brasileiro Jean Garrett (como "Excitação", e "A Mulher Que Inventou o Amor", que estão em algo entre o erotismo e o "filme de gênero"). Ainda que trate-se de um fotógrafo de excelência, que engrandece ainda mais o trabalho de diretores de qualidade como Garrett e chega perto de elevar o material em longas, digamos, "menos nobres" da Boca do Lixo, é o trabalho de Reichenbach como diretor que interessa enquanto objeto para este breve texto – e a maneira como ele lida com o erotismo, componente obrigatório no cinema da Boca.

Já em "As Libertinas", de 1969 – filme de três episódios, onde Reichenbach fica a cargo de um deles – é possível ver uma unidade na proposta que o cineasta compartilha com os responsáveis pelos segmentos restantes (João Callegaro e Antônio Lima), e no entanto algo de muito particular na parcela reichenbachiana da produção. Tocando em questões sensíveis, com uma ironia fina, não obstante debochada (zeitgeist do Cinema Marginal) e se posicionando entre emulação e paródia dos dramas psicológicos e sexuais comuns ao cinema europeu e encarnados, em terras brasileiras, por cineastas "isolados" de movimentos mais amplos, como Walter Hugo Khouri, já nesse momento preliminar Reichenbach mostra parte de sua potência. Mesmo sendo um trabalho menor em sua filmografia, foi um filme seminal tanto para o Cinema de Invenção quanto para o posterior desenvolvimento da pornochanchada – ainda que "As Libertinas" não seja uma, é possível rotulá-la como uma protopornochanchada, por já tratar o sexo e a sexualidade de maneira mais desinibida do que de costume ao cinema brasileiro de então (característica que compartilha com um filme lançado no mesmo ano, o "A Mulher de Todos" de Rogério Sganzerla, outro expoente da "ala marginal" da Boca do Lixo).

Nos anos seguintes, Reichenbach seguiria participando de produções episódicas assinadas por múltiplos diretores e com cunho erótico que se mostrava progressivamente mais ousado conforme o passar do tempo – basta comparar "As Safadas", longa de 1982 onde ele também assina um dos episódios, com "As Libertinas", que passa a parecer bem mais inocente quando justaposto ao longa mais tardio. Já no início da década de 1980 a Boca do Lixo caminhava para um derradeiro movimento de incursão na produção de longas explicitamente pornográficos, o que ocorreu na esteira da liberação, por parte da censura, da exibição em território nacional do filme japonês "O Império dos Sentidos" (Nagisa Ōshima, 1976), seguida logo depois pelo lançamento de "Coisas Eróticas" (Rafaelle Rossi, 1981), tido como o deflagrador da produção pornográfica explícita na Boca do Lixo e no Brasil. Reichenbach, no entanto, não embarcou de todo nessa canoa furada que faria a Boca implodir em poucos anos, ainda que tenha emprestado seus serviços como técnico a produções que chegavam mais perto do explícito do que os filmes que dirigia enquanto cineasta (como praticamente todos ali foram impelidos a fazer). Seu caminho, dentro do possível, foi outro: nunca o pornográfico, mas sim o de quem sabia utilizar as regras da Boca a seu favor. ....

Produtores de cinema da Boca do Lixo, como Antonio Polo Galante, eram conhecidos por demandar dos diretores que contratavam que seus filmes tivessem um determinado número de sequências de seminudez, nudez ou cenas de sexo simulado. Fora isso, davam carta branca para os cineastas. A maior parte destes entrava de cabeça nas pornochanchadas mais descompromissadas – uma saída fácil e lucrativa. Reichenbach, no entanto, sabia fazer bom uso dessa carta branca, ainda que cedendo às condições impostas. Vindo de uma formação erudita, conhecedor de música clássica e leitor voraz, ele tomou as rédeas daquele sistema de produção para realizar filmes que são difíceis de se definir: alguns utilizam rótulos como pornochanchada cult, pornochanchada intelectual, pornochanchada cerebral. Fato é que seus longas não encontram par entre o que era feito por ali.

Apesar dos títulos seguirem o padrão exigido pelos produtores, sempre contendo algum elemento remetente ao sexo para torná-los mais vendáveis, e do conteúdo invariavelmente passar pelas relações sexuais entre personagens, seus filmes não poderiam estar mais distantes da pornochanchada convencional. "Lilian M.: Relatório Confidencial" (1975) é narrativamente abstrato e por vezes absurdista ao acompanhar as desventuras de uma dona de casa interiorana que escapa para São Paulo para tornar-se meretriz; "A Ilha dos Prazeres Proibidos" (1979) é um filme alegórico sobre exilados políticos e espionagem de Estado em um paraíso naturista; "O Império do Desejo" (1980) é um estudo sobre múltiplas facetas da sexualidade humana, feito de forma surpreendentemente lúcida para os padrões da época, com muita maturidade e pouco teor apelativo, por meio de uma comunidade rotativa de pessoas que se forma na casa de praia de uma viúva; "Extremos do Prazer" (1984) volta à temática do exílio com um professor universitário atormentado por tragédias pessoais que regressa ao Brasil após anos no exterior e se vê no meio da tensão sexual de grupos distintos isolados em uma mesma propriedade. Isso apenas para focar em quatro longas.

Sua produção, durante e depois da Boca do Lixo, é sempre permeada pela profundidade temática, pelo teor político, introspectivo e psicológico, por um caráter extremamente pessoal e sensível, por um humor sazonal inteligente e, nas produções mais otimistas, até mesmo espirituoso (como no tardio "Alma Corsária", de 1993, já pós-Boca). As sequências de sexo de seus filmes são de uma crueza e uma naturalidade ímpar, e em nada tem a ver com o erotismo vulgarizado e até mesmo kitsch do grosso da produção da pornochanchada. Ocasionalmente, são momentos definidores nas relações interpessoais estabelecidas pelos filmes, e mesmo na formação ou evolução de determinados personagens.

Talvez "O Império do Desejo" seja um dos títulos mais significativos nesse sentido: explora relações monogâmicas, relações poligâmicas e diversas vertentes possíveis da sexualidade humana, com direito até a um caricato e tradicional pai de família que, escondendo-se por trás das aparências, não tarda a revelar que é habituado a escapadas extraconjugais com outras mulheres, e termina o filme descobrindo que também sente prazer com homens. Se tal personagem é tratado como alívio cômico

do filme, não é pela revelação de sua sexualidade, mas sim por ser o retrato esculpido em mármore carrara da hipocrisia nacionalmente conhecida do patriarca da "família tradicional brasileira", que profere discursos moralistas na mesma medida em que promove orgias.

Cineasta de obra longa e rica, Carlos Reichenbach tem em sua obra o erotismo como um elemento que, se a princípio surge enquanto imposição de terceiros, é incorporado a seu cinema e refinado dentro de sua abordagem. Seus trabalhos são altamente estimulantes e abrem margem para uma reflexão acerca da utilização do sexo enquanto elemento artístico, algo que ele faz de forma extremamente particular, mas inaugurando proveitoso precedente no que diz respeito a cinema brasileiro.





COMO

IAN GIACOMOZZI

I

quero te conhecer  
como só você se conhece  
como a palma da minha mão  
como a ponta dos meus dedos  
com a ponta dos meus dedos  
como você

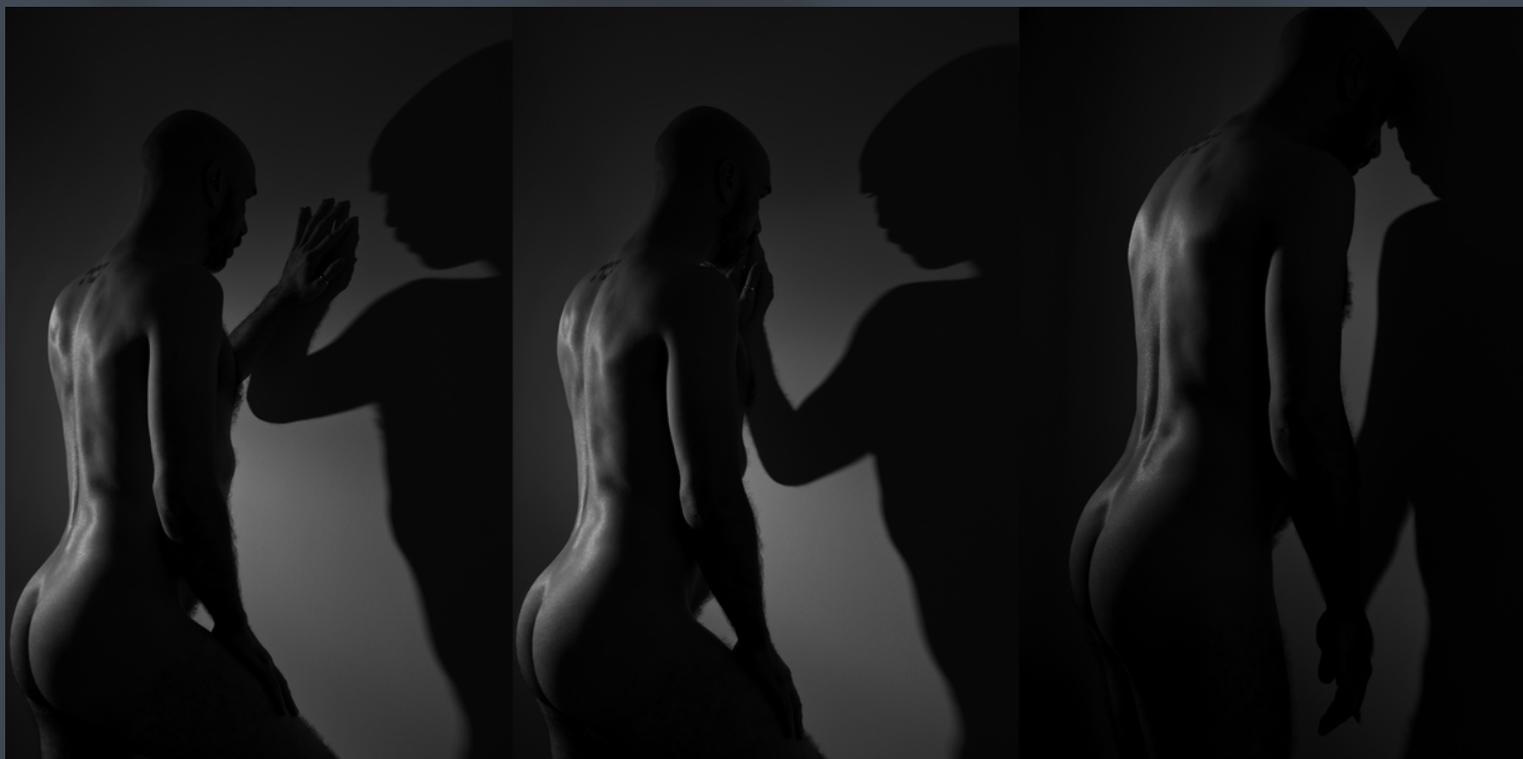
II

a coxa, a caixa, o dedo, o fósforo



# DESENCANTADOS

SAULO PEIXOTO





# DESIDERIUM

**JORGE ABREU**

deus abençoe meus mamilos  
pontudos eriçados salientes

deus abençoe minha pica  
nervosa teimosa resistente

deus abençoe meu cu  
tarado safado impaciente

deus abençoe meu desejo  
de no sexo ir sempre além

Agora e sempre por todos os  
Séculos dos séculos! Amém!



# DIVERSÃO EM VERSÃO

**CARLOS DANTAS**

Na aula, alguém disse:

- Faltou!

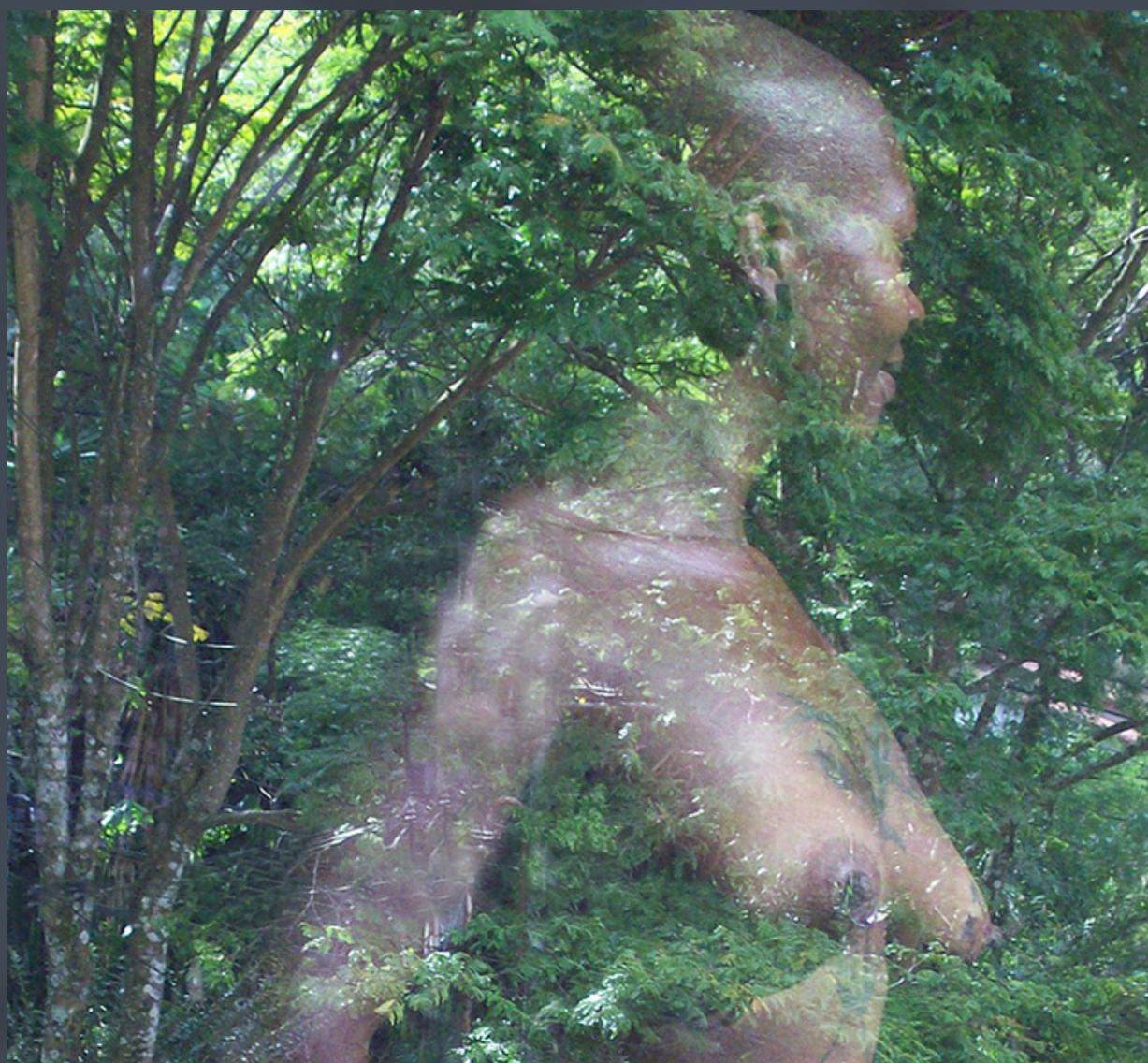
O lençol cobria os corpos nus e cansados da noite de amor.

Abraçados.



# ERÓTICA EXÓTICA

**ROSE AGUIAR**





# ESTAGNAÇÃO V (ESTANDARTE)

O SANTO INIMIGO DO MAL





# EXPECTATION

GREY8WOLF





# GRANDE PIANO

## GUERRA

primitivo, sinto água na boca,  
ao te ver, querido, despido de roupas,  
na pureza da carne, de pele e osso,  
pingando pelo piso do quarto,  
me usa de pano de chão,  
que eu te solto um gemido da alma.  
olha no fundo dos meus olhos,  
enxergando as minhas falhas,  
e me beija tão gostoso,  
como quem não liga para o meu passado.  
deitados, lado a lado,  
não há quem nos limite,  
e o céu é o limite,  
e eu tô louco para ultrapassar.  
escorre no canto da boca,  
eu digo: te quero das formas mais loucas!  
eu sei ser clássico, mas também sei ser vulgar,  
você me secando com esse teu olhar,  
se tu me deixa na beira, eu vou falar besteira,  
você é muito que até quando foi pouco,  
teve a capacidade de me arrebatrar,  
e assim vai...  
o suor escorrendo,  
e o gemido abafado,  
a sensualidade transbordando,  
e o desejo explicitado,  
e eu me transformando,  
em um grande piano, só pra você tocar.



# HIGH NU

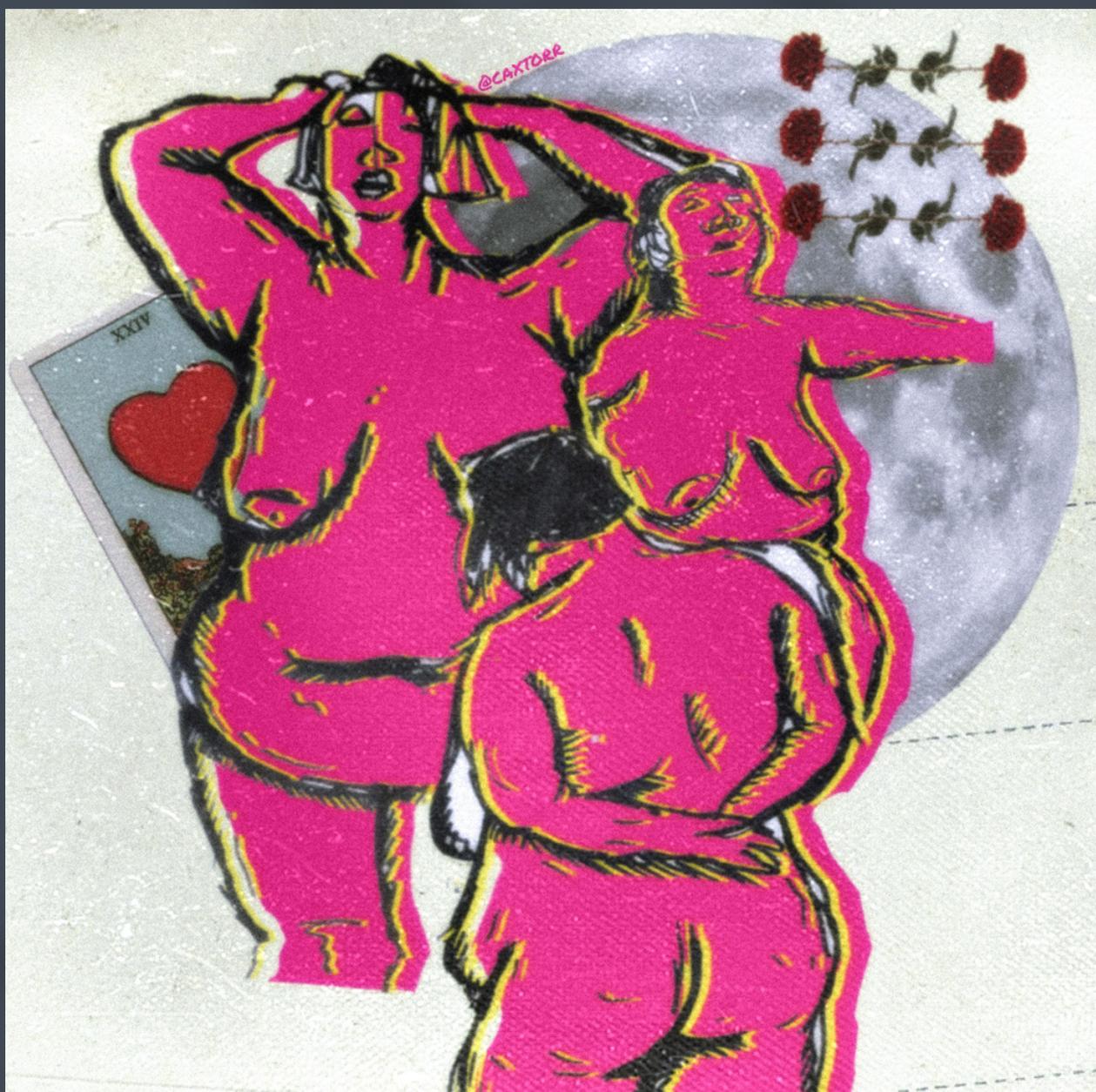
GUILHERME ALBUQUERQUE





# HOMENAGEM

CAXTORR





# ÍMPETO FRENESI

## JEFERSON ILHA

Delírio, fetiche, tesão... Escudos do desejo  
Êxtase. O prazer do olhar. Orgasmo visual  
Olhar, ver, enxergar para sentir. Deleite...  
A imagem do homem toma forma dando vazão ao desejo.  
Desejo de homem, do corpo, do toque, do cheiro, do ato em entrega.  
Impulso e atração. Olhar, elã que desperta a fagulha inicial.  
Despir-se do pudor, encarar, confrontar, submeter-se ao prazer.  
Imagem do desejo. Homem, corpo, homens, volúpia ardente.  
Todos os tons e cores exalam exuberância em ser o que é.  
Começamos então com o rosto...  
Do olhar lânguido e fortuito aos lábios indecentes.  
Língua, palato, dentes. Mordida no lábio, incandescente.  
Barba rala, arrepios, vermelhidão. Barba cheia provocação.  
Do queixo ao pescoço, os lábios vasculham até chegar à nuca.  
Lábios, língua, carícias, mordidas, território demarcado, chupão.  
Peito, costas, ombros, braços, delineamento em perfeição.  
Barriga e pelos, abdômen, pés, pernas e coxas, pontos de exploração.  
Arrebatamento carnal. Macho sedento, macho puto, macho viril. Machos.  
Despudor em lingerie, insinuante silhueta revelando sem mostrar  
Que resguarda seu volume pulsante em seu picante despertar.  
Cueca ou sunga, mala feita para apalpar, pegada forte a desafiar.  
Um ser diverso, frente ou verso, só depende do seu paladar.  
Palatável, peça de desejo arrancada com os dentes  
Revelando seu tesouro escondido, pulsante e latejante  
Prestes a ser engolido, lambido ou chupado.  
Lubrificado e apto para roçar, posicionar e adentrar.  
Entrega dolorosa, resfolegando sua cadência, penetrar, meter, socar  
Submeter-se ao amplo prazer. Inteiro e completo.  
Batida, gritos e gemidos, ou quem sabe um prazer mudo.  
Colocar, retirar, buscando sempre orifícios a adentrar.  
Candente luta exultante. Dança e ritmo que alicerçam a química.  
Mãos, dedos, saliva revigorante enlevo de paus e cus.  
As bolas que batem e ressoam em seu compasso frenético.  
Reverberando e exalando testosterona em pleno odor.  
Agora apto a disparar sua rajada quente,  
Em um delirante urro, espargir, denso fluido acumulado.  
Dentro ou fora, saboreado. Está feito o ato. Langor e espasmos.  
Durma um pouco, porque daqui a pouco quero tudo de novo.



# ISTO NÃO É EVA!

**LUCIENE LACERDA**



*Luciene Lacerda*



# LA PETITE MORT

**MARÍLIA TEDDY**

Sua língua nos meus lábios  
pequenos  
grandes  
descobrimo oferecida pérola

Cílios assentindo  
nos olhares elevados  
entre pernas  
misturados  
saliva e visgo  
em rio sem margem

Sussurros suplicantes  
imploram continuidades  
depois

-silêncios-

Barragens rompidas  
marcam, generosas  
nosso lençol



# LIVROS, JOGOS E ÁLCOOL

**LEW MAGGIE**

**Vinícius Mendes**

— Mendes! Precisa relaxar, vai ficar com os cabelos brancos. — A voz provocava.  
— Você não perde no quesito criatividade, hein, Murilo? — Revirei os olhos para o rapaz moreno, em pé ao meu lado, a camisa desabotoada no início do tórax.  
— E aí? O que vai fazer hoje? — Sentou, me olhando com a sobrancelha erguida.  
— Ler algo. — Murmurei e desviei os olhos das íris azuis chamando minha atenção.  
— Novidade. Queria assistir um filme. Meus tios vão viajar, então vou ter paz. Hesitei. A perspectiva de estar sozinho com Viana novamente, depois de termos nos beijado pela primeira vez, semanas atrás, trazia arrepios no meu baixo ventre.  
— Qual é, Vini? Vai destruir nossa amizade pelo que fizemos bêbados, quem liga? "De fato... Quem ligaria, não é? Não é você que está apaixonado aqui."  
— Eu não estou destruindo nada, Murilo. Você quem... começou com tudo.  
— Se não lembro, não fiz. — Ergueu as mãos, a maior cara de pau possível.  
— Então não se lembra de ter me beijado, também?  
— Lembro de você ter me beijado, o resto é história sua.  
— acredite no que quiser. — Fui ao banheiro. Enquanto lavava as mãos, ele veio.  
— Escuta. — Me olhou pelo espelho. — Nós bebemos e ninguém evitou, né? Não importa quem começou. Somos amigos há muito tempo pra deixar tudo ficar assim.  
— Eu... Tudo bem, eu só... Enfim, não sabia bem como reagir a isso.  
— Vamos deixar pra lá. — Piscou com seu jeito inconsequente, indo para a saída.  
"Era fácil deixar para lá quando eu não estourava de vontade de te ter mais..."

**Murilo Viana**

— Vou tomar banho. Pode usar dos meus tios, tem toalha limpa lá. — Disse.  
— Hum, tá... Okay. — Respondeu, ainda meio travado.  
"Ah, Mendes. Sinceramente..."  
Doze anos de amizade e eu quase colocara tudo a perder, semanas atrás. Era comum Vini vir dormir na minha casa — ou eu na dele. Éramos amigos há tempos e isso era habitual, mas, naquele dia, eu tinha passado dos limites.  
— Você é mais legal bêbado. Sóbrio é um velho rabugento num corpo de 20 anos..  
— Rum... — Ele riu. Não podia se defender. — Você me ama assim, mesmo.  
Mordi o lábio, erguendo uma sobrancelha.

— Verdade... Talvez eu que precise me manter alcoolizado...  
— Hum? Por quê? — Me olhou curioso. Tínhamos poucos centímetros de distância.  
— Para ter coragem de fazer isso. — Falei, o beijando. Quando paramos, soube que tinha estragado tudo e mirei o chão, tenso demais para falar. Vini só murmurou:  
— Eu... Já bebemos demais, eu vou jogar uma água no corpo.  
Quando voltou, eu estava na cama, fingindo dormir. De manhã, fingi ter esquecido.

Podíamos seguir a vida sem problema, se eu não quisesse repetir a experiência..  
— Acabou o refri. — Notei quando fui buscar mais. — E esse suco você não gosta.  
— Tá brincando? — Ele levantou e investigou a geladeira. — AF... O jeito é água.  
— Mas... — Iniciei, receoso. — Tem cerveja.  
— Eu... Água.  
— Ah, qual é, Vini? Vai, bebe seu álcool, ninguém vai fazer nada que não queira.  
— Então você quis me beijar semana passada? — Ergueu uma sobrancelha.  
— Eu... Bem, enquanto estava bêbado. Movido pelo álcool, mas ninguém se feriu.  
— E o que impede que aconteça de novo?  
— Não vai, se um de nós não quiser que aconteça. — Ergui os braços em rendição.  
— E se... — Ele me mirava fixamente, mas levemente tenso.  
— E se...? Vamos, lá, relaxa. Eu não vou te atacar, ok? Foi só... curiosidade.  
Ele cedeu. Bebemos e jogamos videogame, até que a dúvida me venceu.  
— Vini...  
— O que foi? — Ele mantinha os olhos na tela.  
— Sobre o que falamos mais cedo, o que você ia dizer com o "E se..."?  
— Eu... — Ele suspirou e pausou o jogo. — ia dizer "e se nós dois quisermos?"  
— Nós... — O encarei, confuso e nervoso. — Bem, então provavelmente iria acontecer.  
— E tudo bem com isso? — Ergueu o cenho.  
— Se for algo que os dois queiram... Por que não? Mesmo por causa do álcool.  
Silêncio, enquanto ele refletia e eu tentava não demonstrar minhas intenções..  
— Viana... — Murmurou. — Talvez... Eu queira isso. Independente do álcool.  
Levei alguns segundos absorvendo, mas me aproximei e o puxei pela nuca. Ambos estavam tímidos e temerosos naquele beijo. O nível de álcool era bem menor que o da outra vez, os receios, bem maiores e a consciência das possíveis consequências daquilo, muito mais presente. Mesmo assim, seguimos aumentando o envolvimento do toque. Nossas respirações ficavam irregulares e não demorou muito para que as mãos fossem às cinturas, nos puxando para mais perto e apertando a região. Sua mão em meus cabelos me mantinha o mais próximo dele possível. A outra já havia caminhado para dentro da minha camisa e apertava os músculos das costas. Passei a minha em sua cintura, deslizando para seu abdômen furtivamente. Quando nos separamos, foi para liberar um pequeno gemido, quando Vini veio parar sentado no meu colo e nossas ereções se tocaram, através das roupas. Por instinto, baixei um pouco a mão para seu quadril, incitando-o a se movimentar e prosseguir com aquela fricção indireta. Mal sabia eu que estava acordando o demônio. Foram precisos poucos movimentos dele em meu colo para que os gemidos retornassem, mais longos e frequentes. Em um segundo de repentina consciência, me dei conta de quantas barreiras nós estávamos simplesmente mandando para a casa do caralho, naquela hora. Não somente havíamos nos beijado, como feito isso praticamente sóbrios. Agora, mais ainda,

estávamos aproveitando daquilo, superando a etapa de um simples beijo e envolvendo contato corporal além das bocas e, para piorar, um contato íntimo, ainda que indireto. Mas eu fiz questão de manter tais barreiras lá, mesmo. Enviadas para a casa do caralho.

Soltei seu quadril por um instante e levei a mão ao seu rosto, interrompendo o beijo.

— Eu... — Comecei, a respiração fraca. — Estou alterado demais, Mendes.

— Eu... aham. Eh... Tá eu. Cheg-

— Não "demais para continuar". — Falei, o segurando quando fez menção de sair de cima de mim. Ele me olhou, confuso. — Era "demais para ficar só nisso".

— Eu... Não acho que...

— Só quero — Retomei, contornando seu lábio com meu polegar. — tentar uma coisa. Aqui, mesmo. — Se você não quiser, eu... entendo, mas vai ter que sair de cima de mim e eu vou passar uns minutos no banho. — Admiti, mordendo a língua.

— O que você quer? — Sua voz soou mais decidida.

— Como falar isso... — Suspirei. Que seja. — Que a gente bata uma, aqui mesmo.

Pude vê-lo fechar os olhos e inclinar para a frente, repousando em meu ombro.

— Pode tirar pra mim? Não estou com muito equilíbrio agora. — Sua voz sussurrou em meu ouvido, arrepiando os poros de todo um lado do corpo. Passeando o tato por sua cintura, desci a sua roupa o suficiente para liberar seu membro. Fiz o mesmo com minhas peças, gemendo baixinho ao me sentir livre dos tecidos.

— Melhor tirar a camisa... Vai atrapalhar. — Ele assentiu e tirou a sua, fiz o mesmo.

— Nós... — Iniciou.

— O quê?

— Acho que vai ser mais interessante um bater pelo outro.

Sorri, de repente surpreso com o jeito que ele estava acatando a minha ideia.

— Claro... — Sussurrei, tomando novamente seus lábios com a boca e, pela primeira vez, seu pênis em minha mão, enquanto ele agarrava o meu. Com uma mão puxando seu cabelo e a boca em seu pescoço, eu grunhia com seu toque no membro ereto. Sua mão se movimentava firme e lentamente, num ritmo constante. Eu me arrepiava ao me dar conta daquilo, ainda mais satisfeito ao ouvir seus gemidos e sentir seu corpo mais necessitado enquanto ele pulsava em minha mão.

— Aperte... um pouco mais na cabeça. — Ele arfou, em um determinado momento.

— Assim? — Apertei a glândula melada de sua substância viscosa entre os dedos

— I... Isso! — Sua voz soou mais grave, unhas se fincaram na pele do meu ombro.

Os beijos eram cada vez mais obscenos e ferozes. Eu capturava sua língua com a minha e a sugava por um momento, antes de morder seu lábio ou ter o meu apreendido em seus dentes. Trouxe seu pescoço para minha boca, chupando a região enquanto Vini arquejava, seu pau cada vez mais latejante em meus dedos. Eu também não estava diferente, gemendo audivelmente sob suas movimentações e seus puxões em meu cabelo. Podia sentir que o orgasmo estava se aproximando.

— Vini... — Sussurrei. — Eu tô muito perto. — Confessei, um gemido ao final da frase com o seu lábio em minha garganta. As unhas apertando a sua cintura.

— Ainda falta um pouco... Mas pode ir na frente. — Balbuciei.

— Vem cá... — Pedi, ele voltou a me encarar. — Me beija. E vai mais... mais rápido.

Seus lábios vieram aos meus e sua mão acelerou o ritmo, me fazendo gemer como louco em sua boca enquanto sentia o sêmen sendo bombeado para fora.

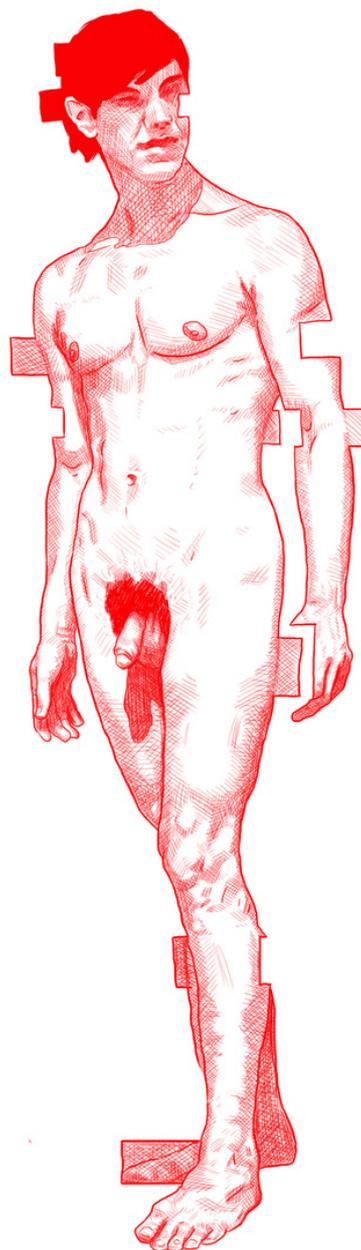
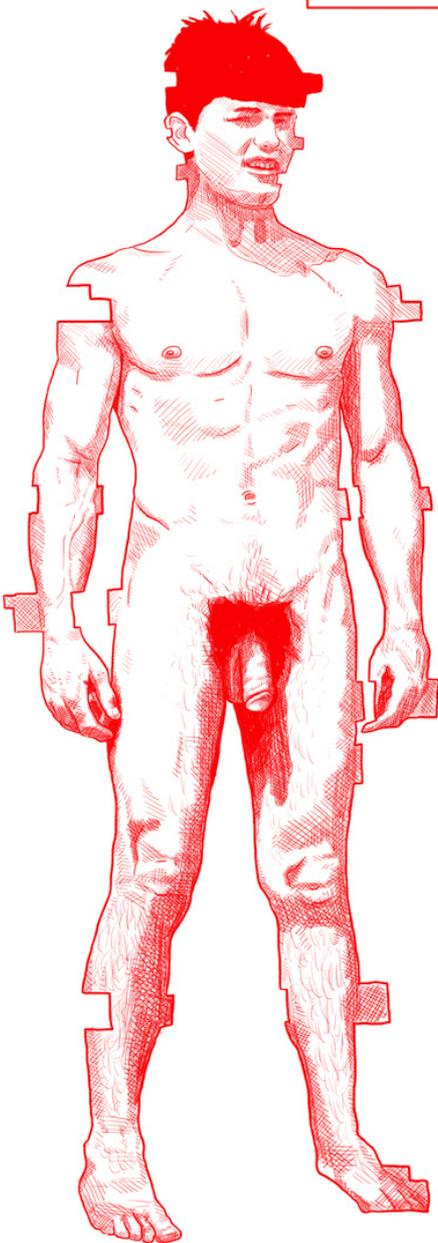
— Ai, caralho... — Arfei, a respiração pesada e vacilante enquanto me recuperava.  
— Pode continuar rápido. — Ele sorriu sugestivamente e percebi que eu acelerara minha mão junto com ele, mas depois tinha voltado à velocidade normal.  
— Ah, okay... — Ri de leve, indo mais rápido e vendo suas feições se contraírem.  
— Preciso umedecer um pouco mais. Deixa eu jogar um pouco de sali-  
— Eu faço isso. — O deitei no sofá, tomando-o não somente com a mão.  
— Muri...lo! — Ouvei seu gemido aflito enquanto minha língua deslizava em sua glândula, umedecendo e succionando. — Caralho, isso... Eu... Eu vou... Levanta!  
Não foi preciso sua ordem. Eu ergui levemente a cabeça, a tempo de ver os jatos brancos sendo expulsos e seu corpo estremecendo. O fôlego ainda vacilante. Aguardei alguns segundos antes de falar:  
— Vem. Vamos tomar banho. — O puxei comigo até o banheiro do meu quarto. Minutos depois, observei enquanto se sentava na cama.  
— Viana... — Começou, o olhar baixo. — O que... sobre o que aconteceu, nós...  
— O que foi? Está arrependido? — Ele ficou calado. — Bem... vamos igno-  
— Está errado. — O encarei confuso. — Eu talvez nunca tomasse coragem de falar isso, mas... já chegamos a esse nível de proximidade. Eu gosto de você. Eu não consigo mais esconder isso e, depois de hoje, eu só vou querer, mais e mais. E pra você isso foi uma brotheragem, então eu prefiro que a gente se afaste de verdade.  
— Não foi... uma brotheragem. — Admiti. — Eu sinto o mesmo. Por que se afastar?  
— Você... — Ele piscou confuso. Eu... não quero uma amizade colorida. Se me quiser sendo seu amigo, vai ter que me aceitar como namorado.  
Eu não esperava menos daquele cara. E foi por isso que concordei.





# LOVE NOT FOUND

**CORVUS**





# MÃOS

IAN ANDERSON GOMES DIAS

ao vê-las, em um instante  
traço mentalmente sua rota despreziosa.  
posso sentir antecipadamente  
as falanges tocando levemente minhas vértebras  
e então se pondo a d

e  
s  
c  
e  
r  
e a entrar. (penetrar)  
a apa  
lpar. (rechaçar)

a fazer sentir. (a fazer sentido)  
o crescimento rude e bestialmente incontrolável.  
as mãos que roçam e tornam irrigada a carne  
e ruborizadas as faces  
daqueles que vivem sem saber viver.  
o aumento taquicardíaco do compasso  
que guia o tato  
e traz os são à loucura.  
o mundo inteiro range.  
em algum momento nessa dança sedenta  
suas mãos agarram-se às minhas  
e somos uno  
e somos ser.  
regozijo. almíscar. torpor.  
pontas que continuam suavemente  
a acariciar  
tudo que há de mais sincero em mim.  
para isso é que servem as mãos.  
isso e nada mais.  
para ultrapassar inescrupulosamente  
as barreiras da vestimenta  
para afrouxar as fivelas

desfazer os laços e os nós  
e fazer perceber  
que se pode conhecer o caminho  
vendo só com os dedos.  
suor. saliva que escorre em cataratas  
banhando os que esquecem  
o que podem fazer.  
tudo isso, toda essa ação,  
todo esse caminhar intrínseco  
para no fim parar no mesmo lugar,  
(deitado)  
brincando de enrolar e desenrolar  
os negros cachos que lhe dão a vida.





# MAPA

**ALEXANDRE LIBERATO**

Dedos suaves tracejam  
Com pontas de unhas felinas  
Mapa do desassossego



# METONÍMIA, OU A MOÇA E OS TUBÉRCULOS

**LANA ROSSA**

Assim que raiava o dia,  
a moça pulava da cama -  
antes da avó, da mãe, da tia -  
e corria pro terreiro,  
onde plantava os sonhos sacanas  
que a noite toda sonhava  
e em que pensava o dia inteiro.

Na mata junto à cerca,  
enterrava cada imagem indecente  
da noite insone: toda buceta,  
bunda, peito e piroca  
que seu corpo, casto e pudente,  
depois de sonhar, escondia sob a terra,  
colhendo mais tarde cenoura, batata e mandioca.

Repetia sempre a mesma rotina:  
mijava o canteiro animada,  
salpicava os sulcos com pentelhos de menina.  
Só assim ficava feliz,  
se lambusando ao cavar a terra molhada  
de onde colhia e apalpava  
cada grosso tubérculo, cada longa raiz.

Depois corria pra cozinha,  
agarrada naqueles exageros.  
Ao ralar a gorda mandioca, sozinha,  
lembrava a foda noturna e fugidia,  
sentindo de novo o gosto, os cheiros  
que seu corpo sonhava de noite  
e que sua mão repetia, de dia.

Nos dias de sonhos safados,  
Não havia hortaliça que não a excitasse:  
gemia por cada inhame, por cada nabo,  
pelas mangas tenras e molhadas,  
pelos vãos úmidos dos tomates.  
Sua mãe se preocupava: a moça pouco fazia,  
mas estava sempre cansada.

Acharam por bem chamar o doutor,  
que estava há pouco na cidade.  
Rapaz bonito, educado, trabalhador,  
que deixara as jovens ouriçadas,  
as mais velhas, mentindo a idade,  
e as viúvas, cheias de fogo e esperança,  
deram todas pra cair adoentadas.

Mas a moça tinha gostos distintos,  
acostumada às coisas grandes da terra.  
Pra ela, moços magros nem tinham pinto.  
Supunha, talvez, um diminuto bilau,  
um feijãozinho à toa entre as pernas  
que nem lhe faria cócegas,  
e preferia qualquer mandioca a um fino pau.

Mas o doutor tinha lá suas surpresas,  
e a moça logo notou nas calças no mancebo  
uma rola grossa, enorme e tesa.  
Esperta como ela só, despistou a familiagem  
e ligeira pos-se nuazinha em pelo.  
O médico, nada bobo e sem vergonha,  
se entregou bem disposto à sacanagem.

A "mandioca" do doutor não deixou a desejar:  
boa feito as hortaliças,  
quase tão boa quanto sonhar,  
deixou a moça mais gulosa e satisfeita,  
se ardendo pela pica roliça  
dia e noite, noite e dia,  
desde que acorda, até quando se deita.

Mas se engana quem acha que foi paixão,  
amor ou afeto verdadeiro.  
A moça não liga pro doutor nem pra outro varão,  
como não ligava para aquele canto do terreiro.  
Importa sim o aipim, a mandioca, a macaxeira,  
pois o que aprecia é só o falo,  
pois ela toma é a parte pelo inteiro.

Metonímica, a moça agora passa os dias  
a esquecer o homem e lembrar a piroca,  
bem do jeito que já fazia  
quando trepava com legumes e verduras.  
No fogão, queima o feijão, a tapioca  
quando encontra uma banana grande dura,  
e se esconde, como uma moça pudica,  
pra se entregar aos prazeres da siririca.



# NOSSA DANÇA

**MICHELE CAVALCANTE**

Hoje eu quero te amar,  
sem escrúpulo, sem freio,  
sem ética...

Desbravar com a boca cada detalhe do teu corpo,  
contemplar e me perder nos teus beijos,  
entre sussurros, arrepios,  
xingamentos, fetiches e pedidos...

Durante a madrugada  
os nossos gemidos e a respiração ofegante serão a única música  
que embalará nossos corpos sem roupa e sem culpa  
em uma valsa de vai e vem.



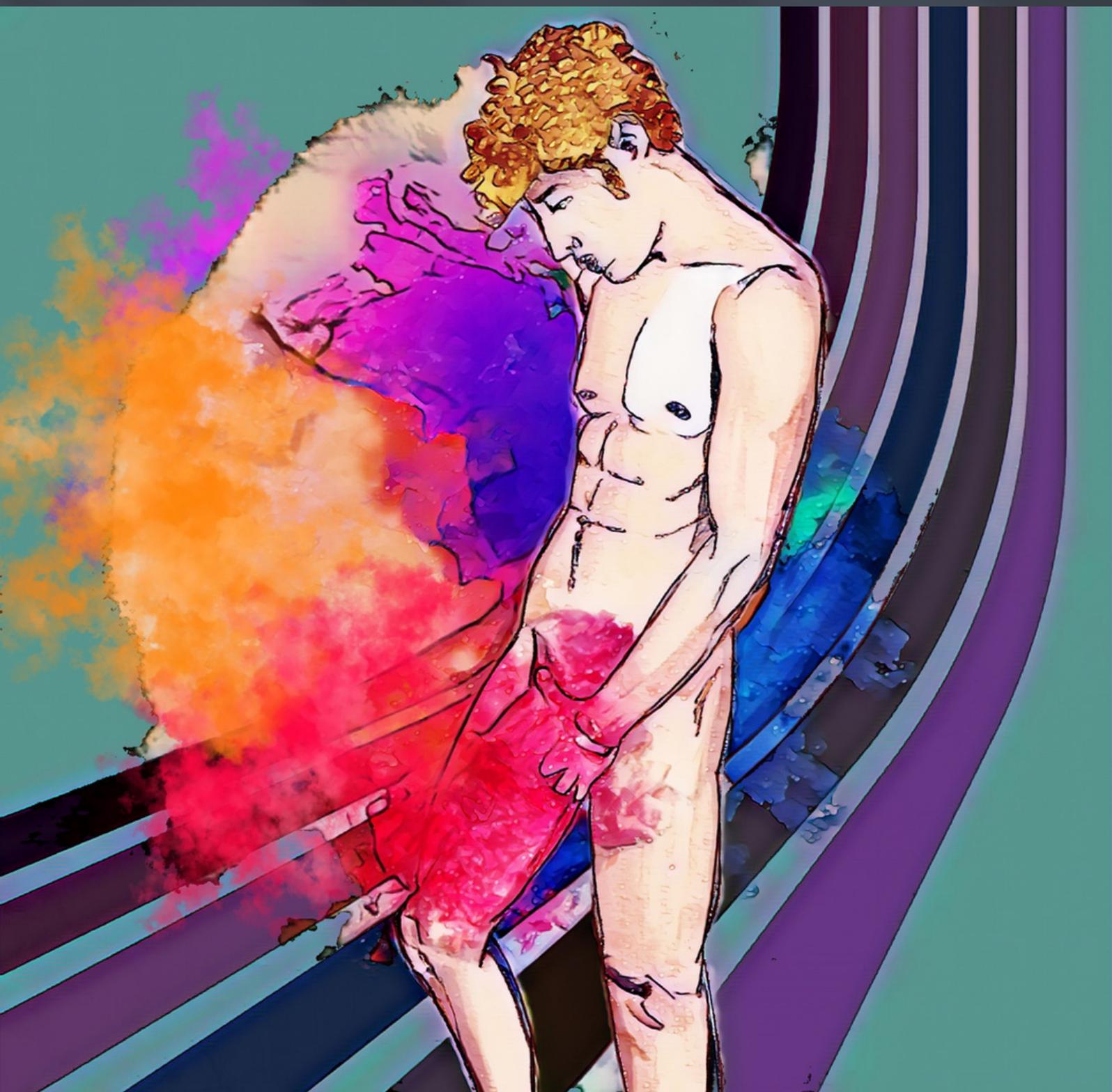
# NOTA SOBRE O PERFUME

**GUSTAVO FAQUINETI PAZ**

engatilhe meu corpo nas suas unhas soberanas. esprema sem alarde meu sulco poroso. desabroche a flor pendurada do meu corpo. abandone a culpa. esvazie então meus poros todos. penetre meu ritmo com sua cadência. afunde minha superfície. escave depressões. arranhe desfiladeiros. deslize pelos meus corrimões. me liquide com paciência. sorria sem prudência. colha sem vergonha meu suor fosco. queime na ponta da colher. me faça borbulhar. sinta o sangue grosso. lamba gostoso. entretenha teus dentes. se entupa de mim. apanhe meus frutos. aperte até o caroço. me enfrasque sem ver. agarre um punhado. escorra nos dedos. abrigue na pele. retarde o gozo. refresque o pescoço. me faça ser. seu jean paul gaultier.

# O JOVEM MÍTICO

LEONARDO SANTOS





# O SILÊNCIO DA MASCULINIDADE

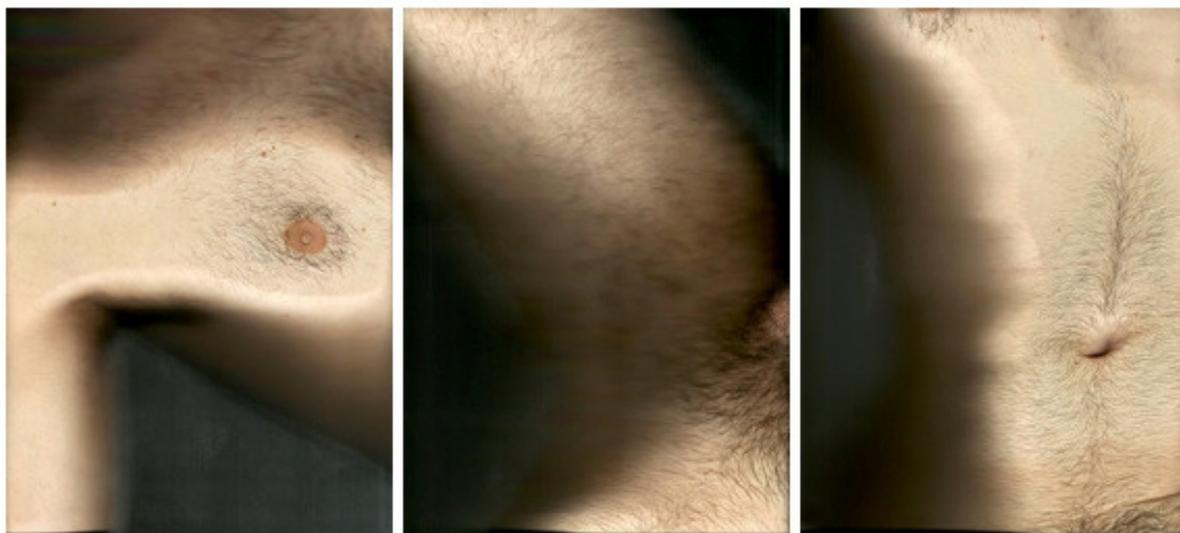
YAN MEGAROM





# PELE SUFOCADA

**GABRIEL BICHO**





# PONTO DE VISTA

**IGOR MARTIN**

Longas meias,  
escuras, translúcidas,  
guias fiéis  
de suas rotas paralelas  
pros meus dedos peregrinos.

Cinta-liga igual moldura  
de ébano elegante  
enquadrando a palidez  
breve a enrubescer  
de sua pele de seda.

E a camada solitária de renda,  
fina e audaciosa  
ornamental na composição,  
mas menos que a alternativa  
ao deslizá-la aos pés.

Cintura que esculpida  
para firmar as mãos  
ao final do percurso  
que segue das coxas,  
mármore macio.

Corpos encontrados,  
dígitos por suas costas,  
unhas traçando rastros,  
em ritmo de improviso,  
allegro ma non troppo.

Enquanto lhe devassam  
minhas mãos pesadas,  
as suas vão atadas.  
O que prende por vontade  
é volúpia mais que amor.

Nada mais no cosmos  
além do desejo,  
flamejante, impetuoso.  
Se queima o mundo lá fora  
queima menos que nós dois.



# RASGA

**HÉLIO FRÓES**

Devora-me  
Devora-me

Rasga!  
Minha pele com tatuagem  
Chupa!  
Meus ossinhos e cartilagens

Devora-me  
Devora-me  
Devora-me, gatinho  
Devora-me, selvagem

Tritura!  
Minhas entranhas com alecrim  
Mistura!  
Uma sopa canibal de mim

Devora-me, gatinho  
Devora-me, arlequim



# SCRATCH EFFECTS

GIGA





# SEM TÍTULO

JENNIFER LIMA



P.A

JENNIFER LIMA  
2021



# SEM TÍTULO

HELDER AMORIM





# SEM TÍTULO (OUTRAR-SE)

**PALOMA DURANTE**





**SEM MEM**

**LAMARTE74 BRENO GALVÃO**





# SEX TOYS

DANIELLA CHAVES





# UM CASAL NORMAL

## WALL BUTTERFLY

Meu senhor, me envia uma mensagem: "Estou indo pra casa, esteja pronta!"

Tomo banho, prendo os cabelos numa trança, deixo seus chinelos ao lado da porta, e uma dose de sua bebida junto ao seu charuto, na mesa da sala!

Em seguida me ajoelho sobre os pés, cabeça baixa, mãos sobre as pernas, nua, e o aguardo.

Ele chega, passa por mim, coloca os chinelos, senta-se no sofá em silêncio, meu coração bate forte, a ansiedade me consome.

O vejo ligar a TV, trocando de canal enquanto toma sua bebida. Abre os botões da camisa preguiçosamente e só então dá dois tapinhas de leve na perna. De quatro, sem levantar os olhos, vou até meu Senhor. Sinto que se inclina para frente, e faz uma carícia em meus cabelos.

"Cadela" - Ele diz dando um tapa na minha bunda.

Solto um gemido, e permaneço aguardando seu comando.

"Sabe o que fazer, não sabe?"

Aceno em afirmativo. Me viro, ainda de quatro, vou até nosso quarto, pego seu chicotinho favorito, entre os dentes, levo também um plug de rabinho, pois não seria sua cadelinha sem ele.

"Boa garota!"

Depois de pegar os objetos meu Dono senta-se novamente, deixando-me na expectativa.

Fuma vagorosamente, minhas mãos se movem, apertando o tapete, demonstrando minha ansiedade, mesmo me esforçando muito minha respiração sai de forma errática.

Suas mãos tocam meu queixo, levantando meu rosto com os dedos, ainda olhando pra baixo, sinto a fumaça do charuto lançada no meu rosto, acabo tossindo e sou repreendida com um tapa no rosto.

"Tá com pressa cadela?" Meu Senhor pergunta!

Nego com a cabeça. Ele traz o plug até sua boca, desliza nos meus lábios, os abrindo.

"Chupe, como uma chupeta."

Obedeço, o coração acelerado, a buceta úmida, o corpo todo vibrando desejando ser possuído por ELE! Seus dedos continuam passeando por minhas costas, indo e vindo, eu sugo o metal cada vez mais forte, os arrepios são constantes.

Ele tira o plug da minha boca, e o leva até meu ânus, introduzindo-o sem muitos cuidados, fazendo-me gemer com a dor e o prazer do gesto. Um estalo alto me traz de volta e uma dor fina corta minhas costas, seu chicote!

"Silêncio!" Ordena.

Outro golpe, mais fumaça, mais silêncio. Ele continua, por alguns minutos. Eu choro, sinto uma dor lancinante e junto com ela um prazer abrasador. Minhas unhas estão cravadas no tapete, os dentes trincados, permaneço em silêncio!

Meu Senhor ofega, respirando fundo manda-me buscar a maleta de curativos, imagino que haja sangue em minhas costas, pois sinto o líquido quente descer devagar.

Faço o percurso de quatro, o plug se move me causando mais prazer, volto com o objeto entre os dentes, como a boa cadela que sou!

Meu Senhor, limpa os poucos ferimentos com gaze, embebido com álcool, sinto o ardor e logo depois a refrescância da pomada cicatrizante.

"Olhe para mim, Pequena!"

A frase saiu rouca, baixa, quase um gemido. Ele está tão desejoso quanto eu.

Levanto o olhar e encontro seu rosto repleto de ternura,

Com um lenço, Ele limpa meu rosto, retira toda a meleca formada pelas lágrimas e catarro. Acaricia minha face enquanto fala.

"Você foi uma boa menina! Vou permitir que brinque, mas precisa se comportar, certo? Aceno que sim com a cabeça, não vejo a hora de poder tocá-lo.

Ele me auxilia a levantar, sirvo outra bebida, entrego em suas mãos assim que se senta no sofá. Me ajoelho entre suas pernas, abro a sua calça e tiro seu pau duro para fora. Meu primeiro instinto é cheirar, meu senhor, reconhecendo o odor agradável de sua pele.

Deslizo o nariz sobre seu pau e sinto sua pele, a textura macia, as bolas, o ânus... Sei que ele me observa.

Exploro seu membro com a língua vagorosamente, como quem ganhou um doce e não quer que se acabe logo, chupando as bolas, quando chupo forte demais, Ele solta um gemido baixinho e olha nos meus olhos, dando-me permissão para continuar.

Chupo uma por vez, as vezes as duas, sorrio para elas lambendo... Como são apetitosas...!

Desço até o períneo e ao ânus... Com uma das mãos seguro seu membro quase rente à barriga e deslizo a língua, metendo a suavemente o olhando fixamente, vejo sua boca levemente entreaberta e retribui o olhar.

Com uma única lambida, subo do ânus até a glândula, seguro seu pau e chupo com toda força, sei que dói, mas também sei que, meu senhor, gosta, tanto que me permite continuar.

Sua mão vem sobre minha cabeça e empurra, fazendo seu membro ir fundo na minha boca, levando-me a engasgar.

"Eu disse que precisa se comportar, Pequena."

Me mantém ali, engasgada, chorando e reclamando até perceber meu limite, me solta, olho para Ele, ainda estou ofegante e com os olhos vermelhos, seguro seu pau e começo a estimular com uma das mãos, com a outra limpo meu rosto com o dorso e volto minha boca a ele, ora engolindo, ora chupando!

Seguimos nesse ritmo por um tempo... Brinco, quando percebo que está prestes a gozar (sua respiração muda) diminuo o ritmo e paro. Volto a posição inicial com as mãos sobre as pernas, mas agora toda babada.

Ele não diz nada, apenas estende a mão. Pego-a e fico de pé, sou inclinada de maneira que minhas mãos fiquem no sofá.

Seguro meus cabelos, e fodo minha buceta como quem não transa há meses.

Dói um pouco, mas estou tão excitada que gozo, quase que imediatamente! Gemendo e me tremendo. Continua segurando meus quadris e mete com mais violência até que seu gozo me invade!

Por alguns segundos permaneço apoiada, ele se senta ao meu lado, me olha, sorri ordena:

“Limpe isso cadela!”

Dobro os joelhos e limpo, meu senhor, minha língua recolhe sua porra ainda no seu pau, e carinhosamente cuido do meu Dono!

Limpo também o chão onde babei, com língua, enquanto Ele me observa passo meus dedos em minha vulva que escorre, colete delicadamente sua essência e levo a minha boca, e sorrio, pois nada é mais saboroso que nosso prazer misturado!

Acena com a mão, indicando que a sessão terminou.

Ainda no chão apoio a cabeça no sofá, ficamos em silêncio por um tempo, esperando toda a nuvem de luxúria se dissipar. Então pergunto, como foi seu dia?

“Difícil Pequena!”

“Está com fome? Vamos pedir algo?”

“Sim, pode escolher hoje.”

“Japonês!”

Ainda nua, esperamos a comida chegar, assistindo tv, Ele no sofá e eu no chão com a cabeça em sua perna, recebendo um carinho gostoso. Um casal completamente normal.

Quando o entregador chega, retira plug e me manda tomar banho!

# VERÃO EM SALVADOR

**BIXATROPICAL**





# 10 CLIPES SEXY

## ROMEU CASTRO

Música e sexo combinam. Pensando nisso muitos artistas apostam nessa junção para criarem seus conteúdos audiovisuais. E quem não gosta dessa mistura boa, não é? Apresento aqui 10 clipes que podem fazer subir a temperatura. Peguem uma taça com um bom vinho, apertem o play e divirtam-se.

10 - KANYE WEST - "FADE "

9 - NICKI MINAJ - "ANACONDA"

8 - SHAKIRA FEAT. RIHANNA - "CAN'T REMEMBER TO FORGET YOU"

7 - LUIZA SOUNZA E LUDIMILA - "CAFÉ DA MANHÃ"

6 - RIHANNA - "S&M"

5- BRITNEY SPEARS - "I'M A SLAVE 4 U"

4 - ANITTA - "ENVOLVER"

3 - PRINCE - "KISS"

2 - BEYONCÉ - "PARTITION"

1 - MADONNA - "JUSTIFY MY LOVE"



